

Uma cidade de história Laguna: o passado e o presente nas engrenagens do discurso

*João Batista Bitencourt**

Resumo

Este artigo configura-se como um arcabouço de intenções. É a ossatura principal de uma pesquisa que se inicia. Nele estão esboçadas as preocupações primeiras, as pertinências e inquietações que me conduzem para a temática, o recorte e a abordagem. Procuro então lançar “luzes” sobre a imagem de cidade histórica que o município de Laguna apresenta na atualidade, caminhando pelos discursos que constróem esta identidade e sua interface que vê, nessa imagem, o espelho do atraso, a falta de desenvolvimento econômico. Assim, busco um contraponto noutra período, o limiar do século XX, que sugere ter sido um momento de prosperidade, ou pelo menos, de uma discursividade que a vislumbra, para analisar como se produziu a inversão de sua imagem, de um polo econômico para uma “cidade de história”.

Unitermos: Laguna, prosperidade, atraso, discurso

Com grande fluxo turístico na temporada de verão e conhecida por ter um dos melhores carnavais do sul do país, a cidade de Laguna – Santa Catarina, pode ser tomada como uma das muitas cidades do litoral brasileiro que ganha notoriedade por suas praias e pela cultura material que guarda de seus séculos de

* Natural de Laguna-SC. Graduado em Estudos Sociais pela UNISUL (1988) e em História pela UDESC (1994). Ingressou no mestrado em 1995. Orientador Prof. Dr. Sergio Schmitiz.

existência. Porém, há uma outra Laguna vista pelos olhos de quem a vivencia nos dias de inverno, quando o forte vento sul varre suas estreitas ruas de calçamento em pedra e arranha as paredes de seu antigo casario. Nesses dias, parece haver pouco com que se envaidecer em habitar uma cidade que ostenta o título de patrimônio histórico nacional.

Dito desse modo, dá a impressão que existem duas cidades ocupando o mesmo espaço geográfico, sendo divididas pelas estações. Com certeza, há uma transformação na cidade durante os meses de verão, tanto que sua população chega a duplicar nessa época do ano. Mas não é nesta transformação flutuante que me detenho. Então, penso ser mais elucidativo pensar a cidade no plural, vivendo temporalidades distintas e entremeadas.

São duas dessas temporalidades ou facetas da Laguna que permeiam este estudo: a “capital histórica de Santa Catarina”, como muitos gostam de nomeá-la, e a “terra do já teve” como lhe agraciou o enredo de uma escola de samba local. A primeira está no orgulho de ser uma cidade tricentenária com vários momentos de relevância na história catarinense, sendo patrimônio histórico nacional e conservando uma arquitetura que remonta ao século XVIII, entre outros atributos que o passado a honra; a segunda encontra-se no mal-estar de ter tido um passado glorioso e hoje amargar uma posição inexpressiva no cenário político-econômico catarinense. Assim, lamenta-se de ter tido um porto, uma ferrovia e outras tantas coisas que hoje já não mais existem e que lhe garantiam um lugar de destaque no cenário estadual.

Esta pesquisa busca engendrar-se por essas lagunas que se renegam, mas que se afirmam mutuamente numa contradição intrínseca, como na obra de João Leonir Dall’Alba, onde ela é “a célula mãe da Brasilidade do Sul”¹ e também a “vovózinha can-

¹ DALL’ALBA, João L. *Laguna antes de 1880: documentário*. Florianópolis: Lunardelli/UDESC, 1979. p. 10.

sada, que olha os filhos e netos crescerem mais, muito mais que ela”.² O organizador de *Laguna antes de 1880: Documentário* trilha um itinerário bastante usual, onde o município é engrandecido por seu glorioso passado e criticado por seu não-desenvolvimento no presente. Assim, com Dall’Alba, Laguna tem uma grande importância por ser um marco da ocupação portuguesa no Sul, mas não chegou à atualidade com o mesmo progresso visto em cidades como Criciúma ou Tubarão, que surgiram de desmembramentos do que foi o território lagunense.

Este é apenas um exemplo das muitas referências, na historiografia catarinense, que atribuem relevância ao passado Lagunense, como também o fez Oswaldo R. Cabral, ao colocá-la como “a mais importante vila do extremo sul”³ do início do século XVIII. Ou, ainda no campo historiográfico, o destaque dado a certos momentos na vida política catarinense em que Laguna está em primeiro plano. A República Juliana é expoente dessa afirmação, sobressaindo desse momento a figura de Anita Garibaldi como vulto heróico nacional.

Mas não são só nesses momentos já cristalizados pela historiografia que ficam os referenciais dos que lamentam o atraso da cidade, aqueles que sonham em ver a cidade ser o que já foi, que fazem apologia de seu passado e são críticos de sua situação atual. Estes momentos de relevância, escritos na história catarinense e nacional e o papel de marco inicial para a história regional, juntam-se a empreendimentos ocorridos na cidade a partir dos anos oitenta do século XIX e que denotam certa prosperidade, para formarem as referências dos que condenam o estado de estagnação em que o município se encontra.

É nessa comparação passado-presente que aparece a Laguna do “já teve”. É este o motivo que leva esta pesquisa a

² Ibid. p. 171.

³ CABRAL, Oswaldo R. *História de Santa Catarina*. 3. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1987. p. 51.

voltar-se para o final do século XIX e perceber como as elites lagunenses de então colocavam esta questão, pois muito do que se reclama ter perdido são frutos desse período.

Assim, detenho-me sobre a Laguna do limiar do século XX, mais especificamente de 1880 a 1920, buscando entender como a cidade foi contagiada pela turbulenta onda de valores modernizantes que agitaram as cidades brasileiras naquele momento. Compreendendo como o município foi tocado pelo que Nicolau Sevckenko chama de “fúria transformadora”, ou seja, as manifestações do projeto de sociedade burguesa:

Um foco de vigorosas mudanças e uma atividade econômica febril, centrada numa cidade e irradiadas para todo o seu *hinterland*, num único movimento convulsivo e irresistível, podia ser entrevisto com pequenas diferenças temporais e variações regionais.⁴

Por todo o globo terrestre espalharam-se estes valores que se reproduziam de forma mimética, promovendo sonhos de construção de um mundo civilizado e próspero. Esta concepção fica evidenciada em Laguna desde 1864, com a produção discursiva encontrada no jornal “O Pylilampo”. Neste periódico são lançadas as bases da sociedade almejada pela camada social ligada aos valores modernos, que fazia do jornal o meio de convencer o resto da sociedade das vantagens de ingressar nos seus projetos e, também, moldava a população guiando, educando e afirmando os caminhos da civilização e da prosperidade. Condenava os que se desviassem dele, pois “na fixação de imagens e de padrões de comportamento junto aos altos círculos sociais, aos jornais era atribuído um papel de modelador de alguns costumes no campo de afirmação social desta burguesia”.⁵

⁴ SEVICENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. P. 42.

⁵ ARAÚJO, Hermetes R. de. *A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República*. Dissertação (mestrado em história) PUC-SP, 1989. p. 75.

A atribuição do jornal de modelar a população, condenando hábitos e atitudes que fugissem aos padrões de procedimentos pessoais que demonstrassem um comportamento polido, revelando a capacidade de compartilhar de uma sociedade que se desenvolve de forma ordenada e disciplinada, junta-se aos discursos que velam pela revisão da paisagem urbana, reclamando do estado das vias públicas, da limpeza e da salubridade. Neste sentido é bastante sugestiva a crônica publicada em “O Pylilampo” de 01/09/1864:

Em meu trajeto comecei a incomodar-me por ver o Sr. Fiscal consentir pelas ruas um grande número de cavalos, cabritos e cães, que além da imoralidade que causam a todo o momento, servem de incomodo ao passeante.

Me perguntarão talvez por que me incomodo com essas coisas, lhes responderei, porque já tenho sido testemunha ocular das maiores imoralidades com estes animais (que por decência deixo de falar) e vítima de uma queda em poço de lama (beleza das ruas) motivada por um cavalo que a toda brida vinha disparado. Tenho ou não razão para falar deste absurdo.⁶

O empenho de difundirem valores cívicos e urbanísticos junto à população, produzindo a postura de cidadão do mundo civilizado, reinventando a cidade e transformando os antigos hábitos em sinônimos de imoralidade, indecência e atraso, intoleráveis numa sociedade urbana e moderna, não está desconectado de seus sonhos de desenvolvimento econômico, pois, para este grupo, o progresso seria alcançado em consonância ao desenvolvimento da ordem social. Assim, os “incômodos” e “abusos” comuns no passado eram proibidos por meio de posturas que regulavam o convívio social no município.

Estes discursos foram insistentemente proferidos, porém não mudaram em muito a Laguna da segunda metade do século XIX.

⁶ Jornal “O Pylilampo” ano I nº 01 de 01/09/1864. p. 3.

Laguna ainda se acha muito atrasada, não obstante ser da província a cidade que mais contribui para a manutenção do estado financeiro da mesma província.⁷

O que parece não ter alterado, também, sua posição de destaque entre as cidades de Santa Catarina, pois o parâmetro comparativo de sua estagnação era o desenvolvimento visto no norte europeu. É certo que esta comparação passava pela visão extrapolada dos que sonhavam com a sociedade civilizada, desenvolvida e próspera, mas a cidade continuava a ser um pequeno núcleo quase isolado, sem grandes ligações com o mundo moderno. Apesar de ser um dos portos mais movimentados da província, era isto insuficiente diante de um mundo em que o modelo de desenvolvimento “confere prioridade absoluta aos gigantescos projetos de energia e transporte em escala internacional”.⁸

Assim, a burguesia local buscava expansão, aumento e velocidade nas suas relações econômicas. O espelho destas representações do ambiente moderno começou a se refletir na Laguna das duas últimas décadas do século passado, tendo como marco significativo a construção da estrada de ferro Dona Theresa Cristina que, segundo o jornal “A verdade” de 12/12/1880, a inauguração dos trabalhos de construção teriam início dia 18 daquele mês. Dando continuidade ao conjunto de obras que marcam um momento de concretude dos discursos de prosperidade, Laguna vê ser construído o farol e o cais do porto.

Tudo sugere que o limiar do século XX é um momento rico para buscar elementos que lancem luzes sobre as lagunas da glória do passado e a do atraso, o que me leva a deter a atenção sobre os processos de modernização da Primeira República, buscando perceber como os elementos da modernidade foram entendidos, reproduzidos, reelaborados, ou mesmo, retardados e contidos no convívio dos lagunenses de 1880 a 1920. Pois, se a imagem deste

⁷ Jornal “O Município” ano II nº 36 de 09/04/1879. p.1.

⁸ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. 9ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1992. p. 72.

ambiente moderno esboçou-se em Laguna naquele momento, o que então teria levado a cidade a não se perpetuar com um dinamismo mutante, que a tornasse continuamente próspera, num processo denominado por Marshal Berman de “autodestruição inovadora”? Em outras palavras, um projeto desenvolvimentista que constantemente destruísse o velho e produzisse o novo, fazendo como que a cidade chegasse à atualidade em consonância às metrópoles estaduais ou até nacionais, uma vez que:

... tudo o que a sociedade burguesa constrói é construído para ser posto abaixo. “Tudo o que é sólido”(...) tudo isso é feito para ser desfeito amanhã, despedaçado ou esfarrapado, pulverizado ou dissolvido, a fim de que possa ser reciclado ou substituído na semana seguinte e todo o processo possa seguir adiante, sempre adiante, talvez para sempre, sob formas cada vez mais lucrativas.⁹

Laguna não só não se manteve em desenvolvimento constante, como o referencial dos que hoje almejam prosperidade, localiza-se no passado: pensa-se em voltar a ser como já foi. É na colagem um tanto desconexa de vários momentos de sua trajetória histórica, numa montagem de episódios luminosos, que se sustentam os paradigmas dos exaltadores do ontem. E é justamente aí que se encontra a ambivalência desse discurso, a contradição intrínseca a qual me referi no início. A Laguna do “já teve” somente existe, dentro dessa discursividade, em relação à do “passado glorioso”, elas se completam dentro da mesma rede discursiva. Não há uma crítica da atualidade na atualidade. Os que julgam o presente são os mesmos que fazem apologia do passado. Assim, não ocorrem análises consistentes que olhem a cidade com perspectivas de futuro a partir do que ela é, como também esvaziarem-se as responsabilidades, tanto políticas quanto de investimento econômico, pois a crítica desarma-se numa comparação temporal não relativizada. As possibilidades de cobrança de uma elite empreendedora são assim anuladas.

⁹ Ibidem, p. 97.

Sabe-se que a memória utiliza tintas coloridas, porém deve-se atentar para fabricação das tradições, para a maquinação do passado que grupos ou indivíduos fomentam para obter ou sustentar poderes. É preciso penetrar nas tramas desse discurso, analisá-lo, e perceber como ele se tornou a linguagem autorizada sobre a cidade e onde seus interlocutores sustentam sua “competência”, ou seja, como obtém e mantém a capacidade de se fazer escutar. Pois, sendo o discurso um instrumento de poder, seus locutores não procuram “somente ser compreendidos mas obedecidos, acreditados, respeitados, reconhecidos”.¹⁰ É preciso ter claro que os discursos não são neutros ou inocentes, eles procuram impor, legitimar, justificar certas opções, opções estas que se manifestam a partir de relações de constante concorrência e conflito, em que o resultado suscita poder e dominação. Como lembra Roger Chartier: “As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza”.¹¹

Busco ocupar da análise de discurso como artefato do trabalho do historiador na interpretação do jogo simbólico da produção discursiva e das articulações e disputas dadas no contexto da emergência da Laguna com “passado glorioso” e seu avesso, já que a análise de discurso, “se dá precisamente como objeto explicitar e descrever montagens, arranjos sócio-históricos de constelações de enunciados”.¹² Ultrapassar a opacidade desses enunciados e encontrar, além do dito, o que não tem visibilidade é o interesse de quem, levado a deixar a cidade de Laguna, como tantos outros, por ela não oferecer perspectivas, agora a olhe e a analise, como quem vê de fora o que outrora vivenciou.

¹⁰ BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu*. 2 ed. São Paulo. Ática, 1994. p. 161.

¹¹ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990. p. 17.

¹² PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990. p.60.